

Juventude, consumo e Ensino de Biologia: uma pesquisa com estudantes de uma escola pública estadual do Rio de Janeiro

Youth, consumption and Biology Teaching: a research with students in a Rio de Janeiro public school

Maria Jacqueline Girão Soares de Lima

Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal Fluminense
giraojac@gmail.com

Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba

Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal Fluminense
rodrigocnb@gmail.com

Resumo

O presente trabalho de natureza empírica constitui-se pelo recorte de uma pesquisa sobre juventude, consumo e educação escolar que vem sendo realizada em escolas públicas do Rio de Janeiro. Exploramos os resultados de uma oficina inserida em uma aula de Biologia oferecida para uma turma de ensino regular de um dos colégios que têm sido campo de pesquisa. Estabelecendo diálogos com referenciais dos estudos sobre juventude, consumo, Educação Ambiental em sua vertente crítica e ensino de Biologia, suscitamos uma discussão sobre como as questões relacionadas ao consumo são significadas cotidianamente pelos jovens que estão na escola. Além disso, trazemos provocações para que o ensino de Biologia se aproprie dos debates sobre tal temática.

Palavras chave: educação ambiental, escola, consumo, juventude.

Abstract

The present work of an empirical nature is constituted by a research on youth, consumption and school education that is being carried out in public schools in Rio de Janeiro. We explored the results of a workshop inserted in a Biology class offered to a regular teaching group of one of the colleges that have been field of research. Establishing dialogues with reference to the studies on youth, consumption, Environmental Education in its critical aspect and Biology teaching, we raised a discussion about how the issues related to consumption are meant daily by the young people who are in school. In addition, we bring provocations so that the teaching of Biology appropriates the debates on this subject.

Key words: environmental education, school, consumption, youth

INTRODUÇÃO

Juventude, enquanto condição biopsicológica e social, é tema de estudos que problematizam tanto os limites das definições apresentadas quanto os desafios e propostas de enfrentamento das principais temáticas juvenis. Autores como Dayrell (2003) e Pais (2003), usam o termo “juventudes” para ressaltar o caráter plural e os múltiplos fatores envolvidos na construção e constituição das identidades desses sujeitos.

Uma forma potente de se olhar para a realidade em que vivemos - e como ela influencia as juventudes — é a observação das formas como os jovens se relacionam com o consumo (COSTA, 2009). Nesse sentido, Abramovay e Castro (2015) identificaram cinco desafios/categorias para o reconhecimento dos direitos humanos e para políticas e potencialidades dos jovens: um deles – nomeado de “Mundo Espetáculo” - considera que os jovens são sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória, cujo principal traço é suscitar aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, porque irrealizáveis para a grande maioria (...) (p.14). Segundo essa ideia, os jovens transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e o acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis (ABRAMOVAY e CASTRO, 2015, p.22).

É neste contexto que esta investigação, que busca problematizar as diversas formas de relação dos jovens com o consumo, se insere. Intentamos ainda compreender as mediações exercidas pela educação escolar, o que justifica nosso interesse a respeito dos discursos sobre sociedade e escola perspectivados pela lógica adultocêntrica, que permanentemente mobilizam concepções desqualificadoras sobre os jovens.

O recorte aqui apresentado refere-se a uma aula, inserida no programa da disciplina Biologia, para uma turma de segundo ano do ensino médio regular, na qual os pesquisadores promoveram um debate sobre consumo em um bloco temático de educação ambiental (EA). Nessa conjuntura, os estudantes relataram por escrito suas impressões sobre dois vídeos que discutem o atual modelo de sociedade baseado no consumo e uma apresentação problematizando o papel da mídia na promoção de desejos de consumo. Incorporamos a aula ao *corpus* da pesquisa, pois fez parte das atividades de investigação desenvolvidas na referida escola. A descrição da atividade e os dados produzidos em diálogo com referenciais teóricos sobre juventude, consumo e currículo são apresentados na seção “dados da pesquisa”.

CULTURA DO CONSUMO: CONCEITUAÇÕES E INFLUÊNCIAS SOBRE A JUVENTUDE

Costa (2009a) ressalta que nossa educação é voltada para o consumo, decorrente da influência da sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008) na vida contemporânea, que tem como identificador social o consumo.

A versão contemporânea do consumo surge na passagem da sociedade de produtores à sociedade de consumidores, do consumo ao consumismo, dos bens duráveis à obsolescência dos bens (BAUMAN, 2008). Essas mudanças pautaram a construção de desejos e relações sociais efêmeros e fluidos. De acordo com Souza e Lima (2018:38), “marcas, produtos, mídias e publicidade se entrelaçam e influenciam desejos e hábitos de consumo em nossa sociedade, tendo na infância e juventude um importante mercado consumidor”.

Abramovay e Castro (2015:2) ressaltam que ser jovem também está associado a “uma estética

desejada pela maioria”, gerando uma comercialização de seus atributos “em forma de mercadorias em que a imagem se compra e se vende e intervém no mercado do desejo como veículo de distinção e legitimidade” (MARGULIS e URRESTI, 1996 *apud* ABRAMOVAY e CASTRO, 2015).

Importa compreender as diversas formas pelas quais a cultura consumista está presente no cotidiano dos jovens, bem como a pluralidade de discursos e formas identitárias juvenis. Assim, pensar as relações e mediações entre consumo e juventude e suas imbricações na constituição de sujeitos e práticas escolares é a meta dessa pesquisa. Ademais, consideramos nesse bojo as observações de Costa (2009b) sobre as marcas da espetacularização da mídia e do consumo que destoam dos ambientes escolares discretos e ordenados que aparentemente não pertencem à cena pedagógica. Desta forma, compreendemos que, apesar de muitas vezes serem desqualificados nos espaços escolares, esses atores são vislumbrados pelo mercado como consumidores em potencial.

A ESCOLA INVESTIGADA

A escola parceira da pesquisa é uma instituição pública que oferece o Ensino Médio sob diferentes modalidades: formação de professores, regular e educação de jovens e adultos (EJA). Assim, além das disciplinas que tradicionalmente formam os currículos para o Ensino Médio, são também oferecidas aquelas de formação pedagógica, muitas das quais se relacionam com as discussões e abordagens da EA.

A referida escola é uma instituição peculiar na rede pública estadual do Rio de Janeiro por ser a única na Zona Sul do Rio de Janeiro a oferecer o Ensino Médio por meio de três modalidades de ensino distintas. Situado no bairro do Jardim Botânico, o colégio atende a cerca de 750 estudantes oriundos de diferentes bairros do município do Rio de Janeiro.

Das suas 35 turmas, 4 são de Ensino Médio Regular e outras 4 são de EJA. Ambas modalidades funcionam no período noturno. No horário diurno integral há 27 turmas que oferecem o Ensino Médio para formação de professores. Por conta de sua inscrição na história das instituições escolares que formam professores e de seu perfil complexo e híbrido, o corpo docente desta escola vem sendo instado a empreender um esforço para repensar suas práticas de planejamento e avaliação, bem como de reconstruir suas abordagens didáticas, face às diversas demandas trazidas pelo corpo discente e pelas variadas pressões exercidas pela Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC/RJ).

Seu corpo docente, bem como a equipe de direção e coordenação pedagógica, demonstrou claro envolvimento com a educação ambiental e foi extremamente favorável à parceria com a Universidade, visando a elaboração de pesquisas e projetos pedagógicos relacionadas à EA capazes de despertar nos alunos o interesse em compreender os fenômenos que os cercam e atuar criticamente nos mesmos.

DADOS DA PESQUISA

Em 2018, a pesquisadora e seus bolsistas estiveram na escola para desenvolver uma atividade sobre consumo. O conteúdo estava sendo tratado na disciplina Biologia, no intuito de se pensar as questões sociais e culturais relacionadas às temáticas ambientais e ecológicas, muitas vezes lecionadas de forma apartada às tensões sociais e econômicas que as atravessam a todo momento. Ciente da crítica engendrada por Neto e Kawasaki (2015), que observaram a prevalência da concepção conservacionista nos documentos curriculares que abordam a temática ambiental no Ensino Médio, o professor de Biologia da turma onde a oficina foi realizada nutria o desejo de desenvolver um debate mais politizado com seus estudantes.

Assim, após trabalhar ao longo de 3 meses com conteúdos e conceitos tradicionais da Ecologia,

foram suscitadas discussões sobre o modo como os recursos humanos e naturais, renováveis ou não, são explorados para a geração de riqueza concentrada em uma parcela restrita da população, com impactos ambientais e sociais distribuídos coletivamente. Diante de uma turma heterogênea, repleta de estudantes que enfrentam cotidianos marcados pelas desigualdades sociais e injustiças ambientais das favelas e periferias cariocas, trazer um debate sob esse viés era mais do que necessário.

Tal postura encontra respaldo na argumentação de Ramiarina (2016), para quem novas demandas sociais estão tencionando a escola, interpelando os conteúdos disciplinares tradicionais e desafiando as disciplinas Ciências e Biologia a contribuírem para a consolidação de práticas sociais que fortaleçam a democracia, a justiça e a sustentabilidade. Para a autora, a fim de que haja sucesso no processo educativo de sociedade, faz-se necessário acionar os conhecimentos científicos em sintonia com a reflexão de questões socioambientais a partir de um viés intercultural, que problematize o modelo antropocêntrico e utilitarista que coloca a humanidade acima da natureza. Nesse bojo, as discussões sobre EA e direitos humanos podem receber destaque e possibilitar interessantes contribuições.

Como já foi mencionado, utilizamos dois vídeos e uma apresentação com imagens e textos a respeito da atuação da mídia e do marketing na promoção do consumo de bens e de tipos ideais de pessoas, ligados à padrões estéticos e de classe social. O primeiro vídeo é uma propaganda de automóvel que problematiza a produção de bens baseada na obsolescência e na sua promoção midiática, porém admite que, em contexto diferente, o protagonista perderia seu emprego e não poderia ter o carro em questão. O segundo vídeo questiona essa visão argumentando que, se a sociedade fosse organizada em outros padrões, haveria outras formas de existência da humanidade e, consequentemente, o carro não seria necessário. Após a exposição dos vídeos e da apresentação virtual, pedimos aos estudantes que comentassem por escrito suas impressões a respeito desta atividade. Recebemos 14 respostas: algumas com comentários sobre os vídeos e outras com observações mais gerais. A respeito da ideologia do consumo, destacamos as seguintes produções:

“ter para ser – as pessoas costumam ter as coisas para parecer ser “alguém”, “ostentar”.

“tudo que é novo, que é fabricado um dia, será deixado de lado, porque coisas novas iriam vir. Exemplo disso é o celular.”

“na realidade, somos muito influenciados por propaganda, somos muitos ignorantes porque queremos ser melhor ou igual ao outro. Pra mim tudo não passa de mídia, de se achar porque tem aquilo se acha melhor que os outros. No segundo vídeo o que me chamou atenção foi que o mundo seria bem melhor e não estaria nesse estado que o nosso país está hoje em dia. Favoreceriam as coisas que hoje não são favorecidas.”

“O vídeo sobre o comercial do carro nos mostra que nada poderia ser indestrutível, pois feito a primeira vez e se durasse para sempre, não haveria mais empregos, então tudo tem que ter um prazo de validade para durar e logo após, estarmos consumindo e gastando novamente. No segundo vídeo, é justamente o contrário do primeiro. No vídeo mostra que nós não precisamos consumir e gastar tanto, quando simplesmente podemos criar outros meios para um meio ambiente mais sustentável e novos empregos!”

“percebi que menos é mais, não precisamos ter o carro do ano para sermos perfeitos ou felizes”.

Há, ainda, comentários que demonstram certa concordância com o atual modelo de sociedade, que, segundo os estudantes, permite às pessoas terem emprego e um bom padrão de vida. Ainda assim, assumem o “egoísmo” de tal proposta. Tais afirmativas indicam a relevância da incorporação de aspectos sociais, políticos e econômicos na realização de trabalhos com EA que auxiliem os estudantes a produzir discursos contra-hegemônicos que problematizem o

consumismo e oportunizam a ponderação de atravessamentos cotidianos relacionados às injustiças ambientais que violam estruturalmente diversos direitos humanos (RAMIARINA, 2017).

Na aula seguinte, os estudantes que participaram desta atividade retomaram alguns pontos da discussão, compartilhando reflexões junto a colegas que não estiveram presentes e com o professor da turma. Os participantes ressaltaram que desde então vem repensando seus hábitos de consumo e vendo a cadeia produtiva de modo diferente, menos ingênuo. Alguns informaram que ficariam atentos para conscientizar amigos e familiares de modo que suas práticas fossem repensadas criticamente. Foi nítido o resultado da oficina: ao propor aos educandos que refletissem sobre o senso comum individualista e meritocrático, as temáticas ambientais anteriormente trabalhadas passaram a dialogar mais com os cotidianos dos estudantes.

As reflexões dos estudantes corroboram a perspectiva de Costa (2009) e Fontenele (2017), de que as necessidades na sociedade de consumidores são condicionadas pela lógica efêmera dos desejos, fortemente influenciadas pelo *marketing* e propagandas publicitárias. É notória, também, a percepção dos estudantes sobre a obsolescência, a cultura da ostentação e o papel da mídia na produção de desejos de consumo e de padrões de beleza ou *status* a serem perseguidos. Destacamos ainda que estes temas encontraram eco nas discussões realizadas pelo professor de Biologia, que não se atém aos conteúdos recomendados pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, materializados no documento intitulado “currículo mínimo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É indiscutível, hoje em dia, que as sociedades humanas enfrentam uma grave crise socioambiental, para a qual se voltam olhares da quase totalidade dos atores e setores da sociedade civil (governos, empresariado, universidade, escola, mídia, serviços). Esta crise se caracteriza, principalmente, pelo uso intensivo de recursos naturais, extrema desigualdade social, processo produtivo altamente impactante, diminuição da diversidade biológica e cultural, concentração do poder em governos e mercado e crise de valores societários (LOUREIRO e LIMA, 2009).

Defendemos que a educação ambiental, por sua flexibilidade de abordagens, conteúdos e metodologias, aliada à importância que vem ganhando nos currículos escolares e de cursos de formação inicial e continuada de professores, tem grande potencial pedagógico para a renovação das metodologias e conhecimentos escolares. A problemática ambiental também informa a escola e exerce forte influência sobre currículos e saberes docentes, perceptível através da observação de materiais didáticos (livros didáticos e paradidáticos, jogos, vídeos educativos) e pelos discursos e práticas dos professores/as.

A educação ambiental escolar se desenvolve, assim, como um conjunto de práticas e de conhecimentos criados na e pela escola, que dialogam e pressionam os currículos das disciplinas escolares, especialmente as disciplinas Ciências e Biologia. Nesse sentido, Loureiro e Lima (2009) destacam o caráter produtivo da inter-relação entre a educação ambiental e o ensino de ciências para a construção de uma sociedade socioambientalmente equilibrada e justa. Ainda que não possamos retirar conclusões definitivas a partir desta atividade, outros dados levantados pela pesquisa nos permitem pensar que a presença do projeto de extensão e pesquisa na escola investigada tem sido um elemento fundamental para a inclusão de discussões que, no nosso entender, contribuem para a compreensão de aspectos culturais, ambientais, históricos e econômicos da sociedade de consumidores e seus desdobramentos para a educação escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, n.1, v.16. 2015. Disponível em: <

<http://www.kas.de/wf/doc/16488-1442-5-30.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2018.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

COSTA, M. V. Educar-se na Sociedade de Consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, M. V. Há estranhos nas escolas. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 90-92.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set.- dez. 2003, p. 40-52.

FONTENELE, I. A. **Cultura do consumo**: fundamentos e formas contemporâneas. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2017.

LOUREIRO, Carlos F. B. & LIMA, Jacqueline G. S. A hegemonia do discurso empresarial de sustentabilidade nos projetos de educação ambiental no contexto escolar: nova estratégia do capital. **Revista Contemporânea de Educação**, 2012b, v. 7, n. 14, pp. 289-303.

NETO, D. V.; KAWASAKI, C. S. A temática ambiental em documentos curriculares nacionais do Ensino Médio. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Online)**, v. 17, 2015, p. 483-499.

OLIVEIRA, A. M.; TOMAZETTI, E. Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio. **Educar em Revista**, Curitiba, n.44, p.181-200, jun. 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n44/n44a12.pdf>>. Acesso em 14 mai. 2018.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

RAMIARINA, N. T. R. Educação Ambiental e Direitos Humanos na Formação Inicial de Professores de Ciências Biológicas. **Atas do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**, 2017.

RAMIARINA, N. T. R. Função social do professor de ciências e biologia: educação ambiental, direitos humanos e interculturalidade. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2016.